



ISSN: 2230-9926

Available online at <http://www.journalijdr.com>

IJDR

International Journal of Development Research

Vol. 11, Issue, 11, pp. 51597-51600, November, 2021

<https://doi.org/10.37118/ijdr.23221.11.2021>



RESEARCH ARTICLE

OPEN ACCESS

CONSEQUÊNCIAS DO BULLYING EM ADOLESCENTES NAS ESCOLAS PÚBLICAS DO MUNICÍPIO DE PORTO FRANCO – MA: UMA ANÁLISE DE CASOS

^{1,*}Kelly Regina Alves de Oliveira and ²Érika Ferreira Tourinho

¹Artigo apresentado ao Curso de Bacharelado em Enfermagem

²Graduanda em Enfermagem pela Universidade Ceuma

ARTICLE INFO

Article History:

Received 27th August, 2021

Received in revised form

20th September, 2021

Accepted 03rd October, 2021

Published online 23rd November, 2021

Key Words:

Bullying. Escola.

Intervenção.

*Corresponding author:

Kelly Regina Alves de Oliveira

ABSTRACT

Falar sobre o bullying nas escolas vem se tornando uma temática frequentemente discutida na literatura mundial nas últimas décadas. Sabemos que esse fenômeno se transformou em um problema de saúde pública, tendo em vista a sua elevada prevalência e os danos que refletem no desenvolvimento e bem-estar emocional de crianças e adolescentes. Sendo assim, o objetivo desse estudo é realizar uma análise de casos sobre as consequências do bullying em uma escola pública do município de Porto Franco – MA. A presente pesquisa trata-se de um estudo de caráter exploratório com a finalidade de verificar o que leva um adolescente a fazer o Bullying submerso e seus impactos. De caráter experimental e descritivo, com coletas de dados realizadas de agosto a setembro de 2021 através de questionário pelo Google Forms. A atitude de alunos, professores e gestores no ambiente escolar tem forte impacto na ocorrência de episódios de violência entre alunos. Portanto, compreender como professores e alunos interpretam e lidam com o fenômeno do bullying é de extrema relevância para a criação e avaliação de estratégias de prevenção adequadas à realidade em que ocorrerá a intervenção.

Copyright © 2021, Kelly Regina Alves de Oliveira and Érika Ferreira Tourinho. This is an open access article distributed under the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Citation: Kelly Regina Alves de Oliveira and Érika Ferreira Tourinho. "Consequências do bullying em adolescentes nas escolas públicas do município de porto franco – ma: uma análise de casos", *International Journal of Development Research*, 11, (11), 51597-51600.

INTRODUCTION

Os adolescentes que sofrem o bullying submerso psicologicamente ficam abalados, muitas das vezes não sabem se defender e ficam agressivos em casa, perde o ânimo de ir para escolas de se socializar até com os seus colegas ou amigos, com isso ele guarda para si o que está acontecendo consigo, onde morra o perigo, família tem que ser atenta porque o seu filho deixa pistas por mais banais que seja você deve ficar de alerta, mas sempre mantendo a calma para lidar com a situação, busque ajuda de profissional da saúde, eles vão saber lhe ajudar a enfrentar junto com seu filho o que vocês estão passando (BARROS, 2018). Falar sobre o bullying nas escolas vem se tornando uma temática frequentemente discutida na literatura mundial nas últimas décadas. Sabemos que esse fenômeno se transformou em um problema de saúde pública, tendo em vista a sua elevada prevalência e os danos que refletem no desenvolvimento e bem-estar emocional de crianças e adolescentes. Hoje em dia, podemos afirmar que existe um consenso acerca da definição de bullying, que é caracterizado como todo e qualquer comportamento agressivo formado por três elementos centrais, são eles, a intenção de prejudicar a vítima, a

natureza repetitiva das agressões, e o desequilíbrio de poder entre o agressor e a vítima (ZEQUINÃO *et al.*, 2019). O reconhecimento do outro, a inclusão e o respeito às diferenças são atitudes que geram relações saudáveis em nossas sociedades. Por isso, o Bullying é considerado, aqui, como sendo uma ampla variedade de comportamentos que visam a não aceitação das diferenças e do acolhimento do outro, do preconceito e das várias formas de violência. Portanto, o Bullying tem impacto sobre a pessoa, seus sentimentos, seus corpos, seus relacionamentos, sua reputação e seu status social (VIEIRA *et al.*, 2016). "Mesmo as ocorrências do bullying escolar ser algo bem comum, ainda temos uma literatura com discordâncias sobre os percentuais de envolvimento nesses eventos, principalmente por causa dos métodos de avaliação utilizados nas pesquisas realizadas" (ZEQUINÃO *et al.*, 2019, p. 3). A violência expressa, na maioria das vezes, o modo como as pessoas aprendem a interpretar aqueles adolescentes com um olhar não bem visto sobre aquela situação vivida daquele adolescente, que pode ser uma patologia que o adolescente sofre ou algum problema sério de saúde que o adolescente sofre. A ocorrência de violências no ambiente escolar não é recente, e uma forma desse fenômeno se alastra assustadoramente tornando-o uma epidemia mundial, o Bullying. Essa temática constitui um importante objeto de reflexão e

conscientização, pois se transformou em grave problema social (SIMÕES; PEREIRA; FIGUEIREDO, 2019). Sendo assim, o objetivo desse estudo é realizar uma análise de casos sobre as consequências do bullying em uma escola pública do município de Porto Franco – MA.

METODOLOGIA

A presente pesquisa trata-se de um estudo de caráter exploratória com a finalidade de verificar o que leva um adolescente a fazer o Bullying submerso e seus impactos. De caráter experimental e descritivo, com coletas de dados realizadas de agosto a setembro de 2021. Portanto, os estudos exploratórios são projetados para familiarizar-se com um problema, a fim de esclarecê-lo ou construir hipóteses. O planejamento costuma ser flexível, pois é interessante considerar vários aspectos relacionados ao fato ou fenômeno em estudo (GIL, 2002). Acerca desta temática Gil (2002, p. 28) enuncia que algumas pesquisas, descritivas vão além da simples identificação da existência de relações entre variáveis, e pretendem determinar a natureza dessa relação. Há, porém, pesquisas que, embora definidas como descritivas com base em seus objetivos, acabam servindo mais para proporcionar uma nova visão do problema, o que as aproxima das pesquisas exploratórias. A pesquisa foi realizada em uma escola municipal situada no interior do estado de Maranhão, denominada Porto Franco. O município que possui uma população estimada de cerca de 25 mil habitantes, fica a uma distância de 720 quilômetros da capital do estado. A cidade recebe anualmente uma grande quantidade de pessoas oriundas de diversos estados brasileiros, mas principalmente do Tocantins e Pará. Como critérios de inclusão, foram escolhidos alunos matriculados, com idade entre 13 e 40 anos, com 75% de presença e que assinasse o termo de consentimento livre e esclarecido. Como critérios de exclusão, alunos que não estivessem matriculados e que não assinassem o termo de consentimento livre e esclarecido. Esta pesquisa foi realizada no turno vespertino da escola municipal e obteve a participação de 96 alunos, as questões foram respondidas através de questionário aplicado pelo Google Forms. A proposta inicial era envolver os 20 alunos matriculados nas turmas pesquisadas. As turmas têm alunos de 13 a 39 anos e foram escolhidas em função da idade, período em que o bullying é frequente e mais agressivo. Além disso, as crianças na faixa etária têm maior maturidade para discutir o problema. Sendo assim, após a coleta de dados as informações colhidas foram organizadas através de tabelas e gráficos tabulados através do Microsoft Excel. Dessa maneira, houve a correlação das análises apresentadas com a literatura mais recente sobre a temática.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O presente estudo teve amostra composta por 96 alunos, com idade mínima de 13 anos e máxima de 39 anos. Em relação ao sexo, a frequência absoluta de mulheres é de 45 e o de homens é 49.

Tabela 1. Caracterização dos dados sociodemográficos

Variáveis	Frequência absoluta	Frequência relativa (%)
Idade		
13 - 18 anos	93,00	96,09
19 – 29 anos	1,00	1,00
30 – 40 anos	2,00	2,10
Sexo		
Masculino	49,00	47,09
Feminino	45,00	52,01
Escolaridade		
Ensino fundamental incompleto	88,00	93,06
Ensino Médio incompleto	6,00	6,04
Raça/Cor		
Branca	28,00	29,02
Parda	65,00	67,07
Negra	3,00	3,01
Estado civil		
Solteiro	91,00	95,08
Casado	2,00	2,00
Separado	2,00	2,01

Fonte: O autor, 2021.

Nesse sentido, em relação a escolaridade 88 dos alunos tinham ensino fundamental incompleto e 6 possuíam o ensino médio incompleto. Sobre a raça/cor, 65 dos participantes eram pardos, 28 brancos e 3 negros. Quanto ao estado civil, 91 dos participantes eram solteiros, 2 eram casados e 2 separados. Ao investigar a percepção dos alunos a respeito da proatividade em relação as atividades escolares, eles destacaram com maior frequência, conforme pode ser observado na Figura 1, que sempre/quase sempre são proativos (70,8%), às vezes (22,9%), não sabe (5,2%) e nunca/raramente (1%). Nesse sentido, a escola possui uma função importante no desenvolvimento dos indivíduos devendo estimular as habilidades intelectuais, sociais e a absorção crítica dos conhecimentos construídos na sociedade. O aluno deve ter a escola como referência de um local seguro, prazeroso e que ele possa se conhecer, conhecer seus próximos e a sociedade que habita (GALDINO; NASCIMENTO, 2013). O desenvolvimento da prática da interação através da escuta pelos professores para com os alunos torna-se essencial para o diagnóstico de episódios de violência escolar, já que a compreensão dos anseios permite aos docentes ouvir os alunos ao externarem seus medos e problemas pessoais, pois, na sua formação, o professor constrói o conhecimento acerca da intervenção junto à realidade que envolve além da escola – sala de aula, a comunidade (CARVALHO; ALÃO; MAGALHÃES, 2017).

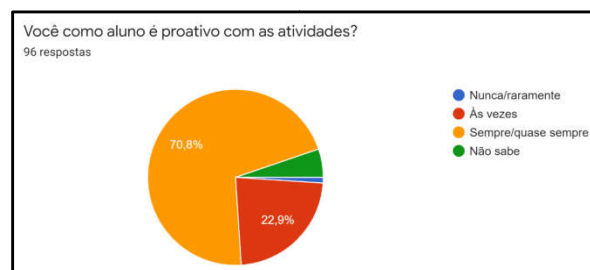


Figura 1. Questão sobre proatividade, segundo a percepção de alunos

Nessa continuidade, quando se refere a percepção sobre o bullying direcionado para os próprios alunos ou para colegas de turma os alunos demonstraram ter percepção sobre atitudes que denotam práticas de bullying respondendo que sabem identificar em 42,6% dos casos; sempre/ quase sempre em 26,6% e 25,5% nunca/raramente.

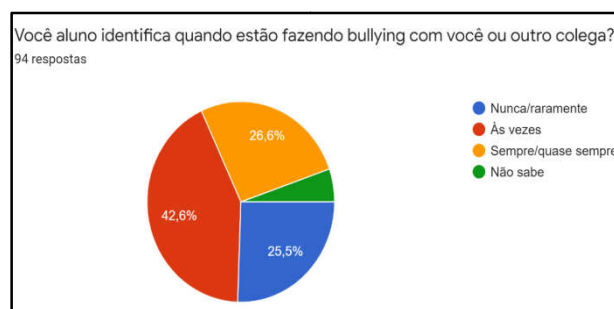


Figura 3. Percepção sobre bullying

Este resultado abre o debate para os diversos fatores que influenciam na intervenção em situações de constrangimento ou agressão. Nesse viés, a atitudes de professores em relação ao bullying se mostrou essencial no estudo de Hektner e Swenson (2012), uma vez que, os autores usaram inventários aplicados a professores e alunos e descobriram que alunos de professores que consideravam o bullying normal eram menos propensos a intervir quando testemunhavam episódios de bullying. Na continuidade sobre o assunto abordado na figura anterior, a figura 3 elucidada sobre a notificação dos alunos quando presenciavam atitudes de bullying. Nesse sentido, os dados encontrados evidenciam que parcela significativa dos alunos (41,7%) nunca/raramente denunciam situações de bullying; 31,3% denunciam às vezes e 11,5% sempre/quase sempre. Nesse viés, Barbosa *et al.* (2018) abre o debate relatando que a violência escolar envolve todos os atores da instituição escolar, principalmente os alunos,

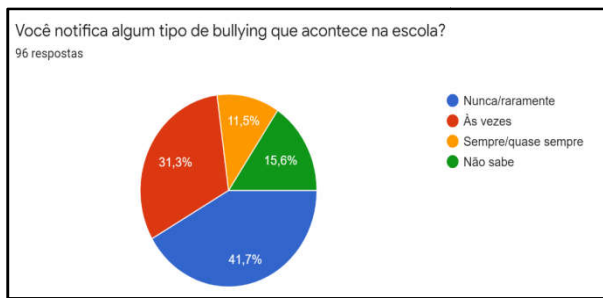


Figura 4. Atitudes com relação a práticas de bullying

independentemente da idade ou escolaridade, e deve ser alvo de pesquisas, intervenções, programas de prevenção e capacitação, para que possam desenvolver atitudes positivas e de relacionamento saudável com as situações de violência.

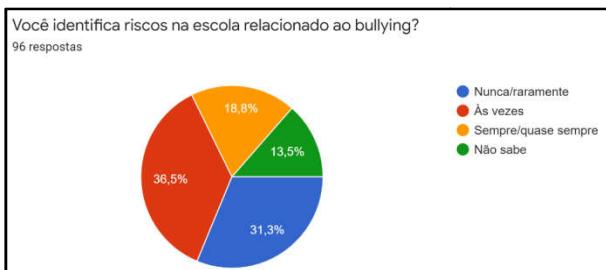


Figura 5. Identificação de riscos com relação a práticas de bullying

A escola pode também informar os pais sobre os programas de intervenção disponibilizados pela instituição para lhes permitir uma intervenção eficaz através de reuniões, palestras sobre o fenômeno, a várias fontes de apoio às vítimas. Os alunos, na maioria das vezes, presenciam o surgimento de um fenômeno abusivo e, diante disso, calam-se por medo de ser a próxima vítima de agressão e, por isso, demandam colaboração entre os profissionais de saúde e educação (LEMOS *et al.*, 2019).



Figura 6. Procura sobre vivenciamento de bullying na escola por parte do aluno

Quando questionados sobre perceber riscos relacionados ao bullying na escola 36,5% dos alunos relataram perceber as vezes; 31,3% relataram perceber nunca/raramente; 18,8% responderam que sempre/quase sempre. O papel das testemunhas em episódios de bullying é frequentemente considerado importante na prevenção e aumento de casos. Além disso, os ataques podem ser retardados quando outras crianças estão assistindo, mas quando uma testemunha tenta interromper, isso é bem-sucedido em mais de 50% dos casos (MELLO *et al.*, 2017). Nesse seguimento, outro fator muito importante para correta intervenção de profissionais em relação ao bullying é saber a percepção dos próprios alunos sobre bullying. No estudo 56,3% dos participantes relataram nunca terem sido questionados se já vivenciou o bullying na escola ou não; 21,9% enunciaram que já foram questionados e 10,4% relataram que sempre são questionados sobre. A partir dos dados apresentados, a falta de ações positivas da comunidade escolar para o enfrentamento da violência nas escolas pode interromper a confiança dos educandos nos

educadores, que acreditam na normalidade da violência e reproduzem atitudes agressivas devido ao sentimento de falta de proteção na escola (DA SILVA *et al.*, 2020).



Figura 8. Relação entre alunos e funcionários da escola

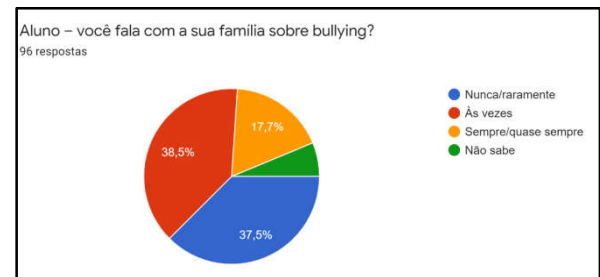


Figura 9. Diálogos sobre bullying no ambiente familiar

Nessa linha de raciocínio, a relação entre o aluno e a comunidade escolar se torna essencial para que o mesmo se sinta seguro para notificar casos de bullying (figura 7). Nesse sentido, a forma como a criança responde aos problemas e conflitos sociais depende da intervenção / relação do / com o adulto. De outra perspectiva, a pesquisa confirma o papel fundamental dos adultos na proteção de crianças e adolescentes, incluindo o reconhecimento e a resposta a incidentes de bullying (SILVA *et al.*, 2018). Outro aspecto importante a ser considerado é a relação entre familiares e os alunos da escola estudada, pois uma vez questionados sobre o diálogo sobre bullying no ambiente doméstico 37,5% dos participantes responderam que nunca/raramente conversam sobre a temática no ambiente doméstico (figura 9). Portanto, as famílias que apoiam seus filhos os ajudam a romper o ciclo de violência e intimidação, capacitando-os a desenvolver mecanismos de enfrentamento para lidar com esse tipo de vitimização, sem transmissão cultural da violência intrafamiliar (OLIVEIRA *et al.*, 2017). Dentre as medidas que devem ser tomadas para a prevenção do bullying, esta é a participação ativa da família na formação dos indivíduos em função da cultura de paz iniciando no ambiente doméstico e ampliando a comunidade e a convivência social.

CONCLUSÃO

A atitude de alunos, professores e gestores no ambiente escolar tem forte impacto na ocorrência de episódios de violência entre alunos. Portanto, compreender como professores e alunos interpretam e lidam com o fenômeno do bullying é de extrema relevância para a criação e avaliação de estratégias de prevenção adequadas à realidade em que ocorrerá a intervenção. Apesar disso, os participantes não demonstraram uma percepção igualmente clara dos efeitos do envolvimento como agressor. A descoberta é significativa, especialmente quando você considera a alta possibilidade de generalizar o comportamento agressivo para outros contextos e diferentes estágios de desenvolvimento. Dando continuidade ao trabalho de pesquisa sobre bullying nas escolas, sugere-se a realização de novas pesquisas que busquem a frequência de programas educacionais nas escolas brasileiras e as práticas intervencionistas utilizadas para prevenir a ocorrência de comportamentos agressivos.

Pesquisas que busquem avaliar a eficácia de programas educacionais anti-bullying que estabeleçam parcerias entre diferentes instituições sociais em comparação com aquelas destinadas a uma instituição específica, também podem gerar resultados significativos para o desenho de novos programas.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Andra Aparecida Dionízio; SOARES, Marianne Silva; PEREIRA, Janeide Mendes. Características associadas a vítimas de bullying nas escolas brasileiras. *Revista da Universidade Vale do Rio Verde*, v. 15, n. 2, p. 791-799, 2018.
- BARROS, Cecília Georgina Domingues Gonçalves. Alunos com Perturbação do Espectro do Autismo (PEA) e Bullying em contexto escolar. 2018. Tese de Doutorado.
- CARVALHO, Marisa; ALÃO, Paula; MAGALHÃES, Joaquim. Da indisciplina ao clima de escola: a voz dos alunos. *Revista Portuguesa de Investigação Educacional*, n. 17, p. 42-60, 2017.
- DA SILVA, José Cleferson Alves Ferreira *et al.* Compreensão sobre o bullying em escolas de educação básica de Arapiraca/AL: semelhanças e dissonâncias. *DiversitasJournal*, v. 5, n. 2, p. 876-887, 2020.
- GALDINO, Marília Justino Ramos; NASCIMENTO, Alexsandro Medeiros do. Promoção de resiliência em alunos vítimas de bullying no contexto escolar: qual o papel das figuras significativas?. 2013. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco.
- GIL, Antonio Carlos *et al.* Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 2002.
- HEKTNER, Joel M.; SWENSON, Christopher A. Links from teacher belief to peer victimization and bystander intervention: Tests of mediating processes. *The Journal of Early Adolescence*, v. 32, n. 4, p. 516-536, 2012.
- LEMOS, Alana *et al.* A LEI DO BULLYING: Instruindo jovens e adolescentes no combate ao bullying nas escolas. *Anais do Seminário Científico do UNIFACIG*, n. 4, 2019.
- MELLO, Flávia Carvalho Malta *et al.* A prática de bullying entre escolares brasileiros e fatores associados, Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2015. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 22, p. 2939-2948, 2017.
- OLIVEIRA, Wanderlei Abadio de *et al.* Saúde do escolar: uma revisão integrativa sobre família e bullying. *Ciência & saúde coletiva*, v. 22, p. 1553-1564, 2017.
- SILVA, Jorge Luiz da *et al.* Vitimização por bullying em estudantes brasileiros: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PENSE). *Texto & Contexto-Enfermagem*, v. 27, 2018.
- SIMÕES, Hugo; PEREIRA, Beatriz; FIGUEIREDO, Abel. O bullying e o Karatê em idade escolar. *Educação física, lazer & saúde-desafios interdisciplinares na promoção da atividade física*, v. 1, p. 141-146, 2019.
- VIEIRA, Igor Soares *et al.* Atitudes de alunos expectadores de práticas de bullying na escola/Attitudes of bullying practices bystanders students at school. *Ciência, Cuidado e Saúde*, v. 15, n. 1, p. 163-170, 2016.
- ZEQUINÃO, Marcela Almeida *et al.* Associação entre bullying escolar e o país de origem: um estudo transcultural. *Revista Brasileira de Educação*, v. 24, 2019.
